

# IRÈNE NÉMIROVSKY

## AS MOSCAS de OUTONO

«A escrita subtil e a afinada certeza psicológica recordam-nos do quanto a boa prosa pode conseguir em muito poucas palavras.»

*The Times*



cavalo de ferro

## I

Ela abanou a cabeça, disse como antigamente:

– Pronto, adeus, Yourotchka... Tem cuidado com a tua saúde, meu querido.

Como o tempo passava... Em criança, quando partia para o liceu de Moscovo, no Outono, ele vinha dizer-lhe adeus assim, neste mesmo quarto. Nessa altura, tinha dez, doze anos...

Olhou para o uniforme de oficial dele com uma espécie de assombro, de triste orgulho.

– Ah, Yourotchka, meu pequenino, parece que foi ontem...

Calou-se, fez um gesto de cansaço com a mão. Há cinquenta e um anos que estava na família Karine. Tinha sido ama de Nicolas Alexandrovitch, o pai de Youri, a seguir tinha educado os irmãos e as irmãs dele, depois os filhos... Ainda se lembrava de Alexandre Kirilovitch, morto na Guerra da Turquia em 1877, com trinta e nove anos... E agora era a vez de partir dos mais pequenos, Cyrille, Youri, também eles para a guerra...

Suspirou, traçou o símbolo da cruz na testa de Youri.

– Vai, Deus proteger-te-á, meu querido.

– Claro que sim, minha velhota.

Ela sorriu com uma expressão trocista e resignada. Tinha uma figura de camponês, encorpada e jovial. Não se parecia com os outros Karine. Prende nas suas as mãozinhas da velha, duras como cortiça, quase negras, quis levá-las aos lábios.

Ela corou, retirou-as precipitadamente.

– És doido? Pareço-te uma bela e jovem dama? Vai já, Yourotchka, desce... Ainda dançam lá em baixo.

– Adeus, Nianiouchka, Tatiana Ivanovna – disse ele com a voz arrastada, com entoações irónicas e um pouco adormecida –, adeus, trago-te de Berlim um xaile de seda, se for admitido, o que me surpreenderia, e, enquanto espero, envio-te de Moscovo uma peça de tecido para o Ano Novo.

Ela esforçou-se para sorrir, franzindo mais os lábios, que se mantiveram finos, ainda que tensos e retraídos, como que sugados pelos velhos maxilares. Era uma mulher de setenta anos, de aspecto frágil, estatura baixa, de rosto vivo e sorridente; o olhar por vezes ainda era penetrante, e, noutras alturas, exausto e sereno. Sacudiu a cabeça.

– Prometes muita coisa, e o teu irmão é como tu. Mas vão esquecer-se de nós lá. Enfim, Deus queira que isso acabe brevemente e que os dois regressem. Será que essa maldição acabará rápido?

– Certamente. Rápido e mal.

– Não se deve brincar dessa maneira – disse ela com veemência. – Está tudo nas mãos de Deus.

Saiu de ao pé dele, ajoelhou-se à frente da mala aberta.

– Podes dizer à Platocha e ao Piotre que venham buscar as roupas quando quiserem. Está tudo pronto. As peles estão por baixo, e as mantas. Quando é que vocês vão? É meia-noite.

– Se estivermos de manhã em Moscovo, é suficiente. O comboio parte amanhã às onze.

Ela suspirou, abanou a cabeça num gesto recorrente.

– Ah, Jesus Senhor, que triste Natal...

Em baixo, alguém tocava ao piano uma valsa velho e ligeira; ouviam-se os passos dos dançarinos no velho soalho e o ruído das esporas.

Youri fez um sinal com a mão.

– Adeus, vou descer, Nianiouchka.

– Vai, meu coração.

Ficou sozinha. Arrumou as roupas murmurando:

«As botas... As peças do velho *nécessaire*... ainda podem servir em campanha... Não me esqueci de nada? As peliças estão por baixo...»

Deste mesmo modo, trinta e nove anos antes, quando Alexandre Kirilovitch partiu, ela tinha embalado os uniformes, lembrava-se bem, meu Deus... A velha criada de quarto, Agafia, ainda era deste mundo... Ela mesma era jovem, nesse tempo... Fechou os olhos, soltou um suspiro profundo, levantou-se pesadamente.

«Bem gostava de saber onde estão esses cães do Platochka e do Petka», resmungou. «Deus me perdoe. Estão todos bêbados hoje.»

Apanhou o xaile caído no chão, cobriu os cabelos e a boca, desceu. O aposento das crianças tinha sido construído na parte antiga da casa. Era uma bela moradia, de nobre arquitectura, com um grande frontão grego, ornado de colunas; o parque estendia-se até ao município vizinho, Soukharevo. Em cinquenta e um anos, nunca tinha saído dali. Só ela é que conhecia todos os armários, as caves, os quartos sombrios abandonados no rés-do-chão, que tinham sido salas de recepção, antigamente, onde tantas gerações tinham passado.

Atravessou rapidamente o salão. Cyrille avistou-a, chamou-a a rir:

– Então, Tatiana Ivanovna? Vão-se embora, os teus meninos?

Ela franziu o sobrolho e sorriu ao mesmo tempo.

– Vá, vá, não te vai fazer mal nenhum dar um pouco no duro, Kirilouchka...

Ele e a sua irmã Loulou tinham a beleza e os olhos brilhantes, o ar cruel e feliz dos Karine de antigamente. Loulou valsava nos braços do seu pequeno primo, Tchernichef, um estudante de quinze anos. Ela própria tinha feito dezasseis na véspera. Estava deslumbrante, com as bochechas coradas, inflamadas pela dança, e as tranças negras, espessas, enroladas em torno da pequena cabeça, como uma coroa escura.

«O tempo, o tempo», pensava Tatiana Ivanovna. «Ah, meu Deus, não reparamos em como ele corre, e um dia vemos que as criancinhas estão maiores do que a gente... Lulitchka também está uma mulher feita... Meu Deus, e foi ontem que disse ao pai dela: “Não chores, Kolinka, tudo passa, meu coração.” É um homem velho, agora...»

Ele estava de pé atrás dela com Hélène Vassilievna. Viu-a, estremeceu, murmurou:

– Já? Tatianouchka? Os cavalos estão prontos?

– Sim, está na hora, Nicolas Alexandrovitch. Vou mandar meter as malas no trenó.

Ele baixou a cabeça, mordeu ligeiramente os longos lábios pálidos.

– Já, meu Deus? Bem... O que é que tu queres? Vá. Vá...

Virou-se para a mulher, sorriu frouxamente, disse com a habitual voz cansada e calma:

– *Children will grow, and old people will fret*<sup>1</sup>... Não é, Nelly? Vamos, minha querida, creio que chegou realmente a hora.

Olharam-se sem dizer nada. Ela tirou com nervosismo a *écharpe* de renda preta do pescoço comprido e flexível, a única beleza que permanecia intacta desde a sua juventude, além dos olhos verdes, cintilantes como água.

– Vou contigo, Tatiana.

– Para quê? – disse a velha levantando os ombros. – Só apanhará frio.

– Não importa – murmurou com impaciência.

Tatiana Ivanovna seguiu-a silenciosamente. Atravessaram a pequena galeria deserta. Antigamente,

<sup>1</sup> As crianças vão crescer, e os velhos, preocupar-se. [N. T.]

quando Hélène Vassilievna se chamava condessa Eletzkaïa, quando se vinha encontrar, nas noites de Verão, com Nicolas Karine, no pavilhão ao fundo do parque, era por esta pequena porta que penetravam na casa adormecida... era lá que encontrava às vezes, de manhã, a velha Tatiana... visualizava-a novamente a sair do seu caminho e a benzer-se. Parecia obsoleto e longínquo, como um sonho estranho... Quando Eletzki morreu, casou com Karine... Ao início, a hostilidade de Tatiana Ivanovna deixava-a frequentemente irritada e consternada... Era jovem. Hoje em dia, era diferente. Tinha acabado de reparar, com uma espécie de prazer irónico e triste, nos olhares da velha, nos movimentos de recuo e pudor, como se ela continuasse a ser a pecadora adúltera que corria para os encontros sob as velhas tílias... Isso, ao menos, conservava-se desde a juventude.

Perguntou em voz alta:

- Não te esqueceste de nada?
- Claro que não, Hélène Vassilievna.
- Está a nevar bem. Manda cobertores no trenó.
- Não se preocupe.

Empurraram a porta do terraço que se abriu a custo rangendo na neve espessa. A noite glacial estava



carregada de um odor de abetos congelados, de fumaça longínqua. Tatiana Ivanovna apertou o xaile debaixo do queixo e correu até ao trenó. Mantinha-se direita e viva, como no tempo em que procurava no parque, ao crepúsculo, Cyrille e Youri, crianças. Hélène Vassilievna fechou por um instante os olhos, revendo os dois filhos mais velhos, os rostos, as brincadeiras... Cyrille, o seu preferido. Era tão bonito, tão... alegre. Temia por ele mais do que por Youri. Amava os dois apaixonadamente... Mas Cyrille... Ah, era um pecado pensar nisso... «Meu Deus, protege-os, salva-os, permite-nos envelhecer rodeados de todos os nossos filhos... Ouve-me, Senhor! Tudo está nas mãos de Deus», dizia Tatiana Ivanovna.

Tatiana Ivanovna subiu os degraus do terraço sacudindo os flocos de neve presos na malha do xaile.

Regressaram ao salão. O piano tinha-se calado. Os jovens conversavam a meia-voz, de pé, no centro.

– Está na hora, meus filhos – disse Hélène Vassilievna.

Cyrille fez um gesto com a mão.

– Está bem, mamã, vamos já... Só mais um copo, cavalheiros.

Tatiana Ivanovna dedicou a sua vida aos Karine, que ajudou a nascer e a criar na opulência e no luxo ao longo de duas gerações. Agora que a Revolução Russa triunfou, é ainda a velha serva que continua até ao último momento a defender a propriedade da família e a velar sozinha pelo que resta dos seus bens. Até que o dever mais uma vez lhe impõe que atravesse a pé o país e se junte aos seus amos em fuga. No pequeno e escuro apartamento de Paris onde agora vivem, os Karine partilham o destino de tantos outros nobres exilados russos que procuram adaptar-se à sua nova vida e sobreviver por todos os meios possíveis, exaustos e confusos como moscas de Outono. Só Tatiana, demasiado velha para mudar, está determinada a não querer esquecer o passado...

Publicado originalmente em 1931, quando Irène Némirovsky contava apenas 28 anos, *As Moscas de Outono* vem contribuir decisivamente para o aumento do seu prestígio enquanto autora, referida pelo *New York Times* como «sucessora de Dostoiévski» pela sua capacidade para refletir sobre a moralidade e as contradições da vida.

---

«Némirovsky evoca os lugares da sua juventude com uma sensualidade e clareza que mostram o quanto aprendeu com Tolstói e Proust.»

*THE GUARDIAN*

---

ISBN 978-989-623-274-0  
9 789896 232740



cavalo de ferro